

## Editorial

“A pedagogia é movimento, e movimento contínuo”, afirma o educador Loris Malaguzzi, o mais destacado mentor do movimento de renovação da educação infantil que se iniciou na Reggio Emilia no pós-guerra, e que coloca em prática o protagonismo infantil, embalando-o em uma proposta de formar cidades educadoras que, por sua vez, participam também da formação de crianças com espírito crítico.

O caráter de movimento contínuo do ato de educar, que torna ainda mais desafiador o cotidiano do professor, exigindo deste um estado de atenção plena, é citado pela educadora argentina Maria Victoria Alfieri na entrevista desta edição, para explicar o que se faz, há 50 anos, no Colegio Aletheia, em Buenos Aires. Mas também perpassa as reflexões trazidas pelos autores dos cinco artigos que completam esta edição de Veras, a XX de sua existência.

Fundado em 1968, o Aletheia abraçou com convicção as mesmas propostas de Loris Malaguzzi, e de pensadores alinhados a ele, como John Dewey, Jean Piaget, Jerome Bruner e Paulo Freire, entre outros. Isso em uma época de feroz repressão política na Argentina, na qual não havia espaço para “cidades educadoras”. Nesta entrevista, ela lembra o trabalho realizado por psicólogos junto aos professores para enfrentar o medo, neles próprios e nas crianças, e como a escola se moldou, inclusive arquitetonicamente, ao acolhimento de suas crianças. E também conta o segredo para manter sua instituição sempre na vanguarda educacional: uma intensa formação continuada, com carga horária elevada para estudos. Assim, respeita-se o tempo de aprendizagem docente, tão necessário para um bom trabalho pedagógico quanto negligenciado pela maioria das instituições.

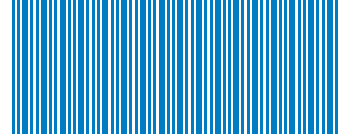
E se falta tempo aos professores, que falar do tempo das crianças? Se seus adultos de referência, professores e familiares, se sentem impulsionados a viver em um ritmo cada vez mais acelerado, em decorrência, entre outros fatores, das contínuas revoluções tecnológicas, como essa construção social que é o tempo afeta



o “tempo das infâncias”? A busca pela compreensão do impacto que a exigência autoimposta de estarmos “conectados 24 horas por dia” é o cerne do primeiro artigo da edição, *O tempo e as infâncias*, de Amanda da Motta Batista. Amparando-se nos distintos conceitos de tempo usados pelos gregos antigos (Chronos, Kairós e Aión), a autora conclui que somos todos obcecados pelo tempo cronológico, Chronos, em contraste com o pouco destaque dado ao conceito de Aión, definido por Heráclito como “uma criança que brinca”. Ou seja, o tempo da fruição – que se torna, na escola, também o tempo de aprender.

Tal prática, de permitir que as crianças possam se entregar ludicamente ao conhecimento do mundo, tornando-se dessa forma partícipes de seu processo de aprendizagem, só acontece em ambientes nos quais a opinião das crianças é levada em conta. Para Patrícia Kerschr Bento e Paulina de Almeida Martins Miceli, autoras do segundo artigo desta edição, *A escola de educação infantil da UFRJ: um olhar para as práticas democráticas*, nesta instituição pública, ligada à Faculdade de Educação da UFRJ, esse espaço para a escuta da criança acontece de forma exemplar. Amparadas por estudos sobre escolas democráticas realizados por Peter Moss, e sobre as culturas da infância, estes conduzidos especialmente por Manuel Sarmiento e Maria Cristina Gouvêa, o artigo revela as primeiras conclusões de uma pesquisa qualitativa em andamento naquela instituição.

Se concordamos com Loris de que pedagogia é movimento contínuo, o terceiro artigo da edição trata exatamente do movimento, tendo como campo de aprendizagem o próprio corpo de professores da rede pública municipal do Rio de Janeiro que participaram do curso de extensão “Arte, Corpo e Natureza”, que durou um semestre. A reflexão conduzida por Adrienne Ogêda Guedes, Lívia Lage e Nuelna Vieira no artigo *Dançar, mover, deslocar: o corpo na formação dos profissionais da educação infantil*, tem início com uma pergunta instigante: “O que acontece quando o corpo acorda?”. Amparadas em Deleuze, para quem o corpo nada mais seria do que “quantidades de força em relação de tensão umas com as outras”, as autoras trazem depoimentos dos professores-artistas convidados a participar do curso, todos com algum fazer artístico, gerando a partir destas falas, reflexões sobre a importância de profissionais que atuam na educação infantil terem acesso a técnicas corporais que dialoguem com suas práticas de sala de aula.



A escuta das crianças também está presente no quarto artigo, que aborda, sob o ponto de vista infantil, a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, nem sempre fácil e geralmente complexa. O artigo *Fotografando a escola: o Ensino Fundamental aos olhos de crianças do 1º ano*, de Thais Monteiro Ciardella e Claudia Valentia Assumpção Galian, se debruça sobre uma experiência realizada em uma escola particular de São Paulo na qual duas crianças receberam câmeras com as quais fotografaram, em seus primeiros dias de Ensino Fundamental, o que pareciam ser, a cada uma, características desta passagem que agora viviam. Às imagens são agregadas as explicações que cada autor deu posteriormente, em entrevistas conduzidas nas quais deveriam, de certa forma, legendar o que haviam fotografado. Concluem pela necessidade de mais pesquisas sobre essa passagem, de importância fundamental para o futuro escolar, alinhando-se aos autores que defendem a revisão do espaço da criança dentro da escola de Ensino Fundamental.

Esta edição de *Veras* se encerra com uma interessante articulação entre educação e psicanálise, tendo como ponto de partida o trabalho pioneiro de Sigmund Freud, que abriria um imenso campo de pesquisas sobre a subjetivação, seguido posteriormente por autores como Lacan, Winnicott, Ehrenberg e Sennett, todos presentes no caminho discursivo percorrido no artigo *Psicanálise, educação e subjetividades contemporâneas: articulações*, de Maria Regina Maciel. Para a autora, se por um lado “a psicanálise nos ensina que sem uma base de criatividade e confiança nos submetemos à realidade, ou seja, ao que está fora de nós e já estabelecido”, por outro lado, “sabemos que as escolas são lugares de reprodução do instituído, nos quais questões como as desigualdades entre as classes sociais tendem a se repetir”. E se a submissão tende a ser a regra, ela não se aplicou no caso, ainda recente, do movimento secundarista que ocupou centenas de escolas em São Paulo, como a própria autora constatou em visitas a duas delas. Mais uma vez confirmando o que disse Loris Malaguzzi: “A pedagogia é movimento, e movimento contínuo”.

Boa leitura!

Regina Scarpa, diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz

Ricardo Prado e Lisandra Ogg Gomes, editores da revista *Veras*

